

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES

Ana Márcia de Almeida Rezende¹
Joilson Pereira da Silva²

Resumo:

A violência contra a mulher nas relações íntimas de afeto é um problema grave, que acarreta danos as suas vítimas. No imaginário social existem modos de pensar e representações banalizadoras desse tipo de violência, considerando-a uma prática natural. Nesse sentido, este artigo traz um estudo que objetivou conhecer as representações sociais elaboradas por adolescentes sobre a violência contra a mulher nas relações afetivas. Os dados foram coletados por meio de entrevista semi-estruturada, realizada com 22 adolescentes, e analisados através da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Os resultados revelaram que os/as adolescentes representam a violência contra a mulher objetivada em um fenômeno cotidiano, que acontece inclusive em suas famílias. Eles/elas também elaboraram representações sociais ancoradas no patriarcado, em que o homem usa a violência como meio para dominar a parceira. Observou-se a necessidade de trabalhos preventivos que conscientizem os/as adolescentes acerca das ideologias patriarcais presentes na sociedade, ajudando-os/as a construírem representações sociais fundamentadas no respeito e na equidade de gênero.

Palavras-chave: Violência Contra a Mulher. Relações Afetivas. Representações Sociais. Patriarcado. Adolescentes.

1 INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é um fenômeno que atinge diversos países ao redor do mundo, inclusive o Brasil. A World Health Organization (2013) a considera como problema de saúde pública e violação dos direitos humanos das mulheres. Para essa entidade, a violência contra a mulher envolve um padrão de comportamentos que limita a participação de meninas e mulheres na sociedade, e prejudica sua saúde e bem-estar. Segundo estimativas internacionais, mais de um terço das mulheres em todo o mundo são vítimas de agressões físicas ou sexuais, significando um problema de saúde pública global (WHO, 2013). No caso do Brasil, estudo revelou que entre 1980 e 2013 foram assassinadas 106.093 mulheres. Em 1980 o número de mortes foi

¹ Mestranda em Psicologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe, Graduada em Psicologia pela mesma universidade em Aracaju, SE, Brasil. E-mail: anamarcia.almeidarezende2@gmail.com

² Doutor em Psicologia pela Universidade Complutense de Madri-Espanha e Pós-Doutorado em Psicologia pela Universidade Autônoma de Barcelona-Espanha. Professor na Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, SE, Brasil. E-mail: joilsonp@hotmail.com

de 1.353 passando para 4.762 em 2013, o que representou aumento de 252% no quantitativo de assassinatos. Esse aumento fez o Brasil ter uma média de 4,8 homicídios para cada 100 mil mulheres, índice superior ao de países como Paraguai e Argentina (1,8 e 1,4 respectivamente) (WAISELFISZ, 2015), o que demonstra a grave dimensão do problema no país.

Porém, apesar dos altos índices de violência registrados, há uma tendência na literatura a se evitar a expressão “violência contra a mulher”, pois esta denota situação em que o homem sempre é o agressor e a mulher a vítima. Em substituição tem sido preferido o termo “violência entre parceiros íntimos”, definido como situação de violência física, violência sexual, perseguição, e/ou agressão psicológica cometidas por um/a parceiro/a íntimo atual ou antigo (BREIDING; BASILE; SMITH, BLACK; MAHENDRA, 2015). Esta definição tem uma dimensão inovadora, pois traz a ideia de que a violência é fruto da relação entre parceiros íntimos, sejam estes heterossexuais ou homossexuais, homens ou mulheres, rompendo com a visão tradicional do agressor/vítima (CEZÁRIO; FONSECA; LOPES; LOURENÇO, 2015).

Nesse íterim, outra questão na literatura refere-se à simetria/assimetria de gênero na violência entre parceiros afetivos. A partir do entendimento de que a mulher também pode ser agressora, passou-se a discutir a simetria da violência nos relacionamentos (OLIVEIRA, 2004; WHITAKER; HAILEYESUS; SWAHN; SALTZMAN, 2007). Assim, ambos os sexos seriam agressores, constatação que gerou debates entre os estudiosos. Contudo, como propõe Casimiro (2008), a questão não é definir o principal agressor, nem comprovar se há simetria, pois as agressões de homens e mulheres são distintas entre si. Assim, para esse autor, o fundamental é a investigação em torno dessas diferenças, a fim de se alcançar uma compreensão aprofundada sobre a problemática da violência nos casais.

No presente estudo, embora se considere que homens e mulheres podem ser agressores, o foco está exclusivamente sobre a violência contra a mulher. E isto se justifica devido ao Brasil ser um país marcado por desigualdades de gênero, em que há índices alarmantes de violência perpetrada por homens contra suas parceiras (VENTURI; GODINHO, 2013; WAILSELSZ, 2015). Desse modo, faz-se relevante compreender o fenômeno da violência contra a mulher em profundidade, pois este é um problema de considerável repercussão nacional.

A literatura aponta o sistema patriarcal como um dos responsáveis pela manutenção de agressões contra a mulher (SAFFIOTI, 2004). Por ser um sistema

androcêntrico, que leva a dominação social masculina, o patriarcado estabelece uma assimetria entre os sexos, delimitando quem pode abusar, o forte (o homem), e quem está submetido, o frágil (a mulher) (CANTERA; PALLARES; SELVA, 2013). E, por mais que as sociedades tenham se modificado ao longo dos tempos, resquícios do modo de funcionamento desse sistema ainda pairam no imaginário social nos tempos atuais, fazendo com que os homens continuem a usar a violência como um modo para resolver problemas e para demonstrar força e poder (CANTERA, 2005).

Entre as diversas formas de manifestação da violência contra a mulher, destaca-se a violência nas relações íntimas de afeto, tais como o namoro e o casamento. Para Souza (2010) esse tipo de violência refere-se a agressões deferidas por pessoas que mantêm ou mantinham um relacionamento afetivo, um vínculo emocional, com a pessoa que foi agredida. Geralmente, nesses casos, o agressor é o marido ou ex-marido, namorado ou ex-namorado.

Além de trazer uma série de danos para a saúde física e emocional das vítimas, tais como depressão, distúrbios alimentares, síndrome da dor crônica (CASIQUE; FUREGATO, 2006; FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012), a violência também acarreta problemas para a família como um todo. A literatura mostra a violência conjugal como uma forma de vitimização indireta dos filhos com sérias consequências ao longo do tempo (PATIAS; BOSSI; DELL'AGLIO, 2014). Destacam-se problemas em uma ou várias áreas do funcionamento aos níveis comportamental, cognitivo, emocional e social (SANI, 2007).

Assim, considerando as repercussões negativas da violência em diversas áreas da vida da mulher, torna-se relevante combater esse mal. E um dos caminhos para que isso aconteça passa pelo conhecimento dos modos de pensar que fundamentam essa prática e dos significados que lhe são atribuídos. É preciso adentrar o imaginário coletivo que legitima a violência contra a mulher, buscando as representações sociais que as pessoas elaboram acerca desse fenômeno. A partir desse conhecimento é possível desenvolver um trabalho de conscientização, que vise elaborar novos modos de significar as relações entre os sexos, primando pela equidade de gênero e pelo fim da violência.

As representações sociais (RS) na perspectiva de Moscovici (2010) constituem um conjunto de proposições coletivas sobre o real, que têm por função determinar o campo das comunicações, dos valores ou ideias compartilhados pelos grupos e reger as suas condutas. Assim, essa teoria permite entender os significados que os grupos

atribuem aos fenômenos de relevância social, levando em conta as informações, imagens e atitudes mantidas em torno dos mesmos.

Na gênese das RS estão dois mecanismos que lhes conferem uma dimensão na interface do psicológico e do social: a ancoragem e a objetivação. De acordo com Moscovici (2010), a ancoragem tenta, como o próprio nome diz, ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias familiares. Assim, sua função é dar ao objeto um sentido inteligível dentro de um contexto, constituindo-se em uma rede de significações em torno do mesmo (MARTINS; TRINDADE; ALMEIDA, 2003). Já o propósito da objetivação, é fazer com que o abstrato torne-se quase concreto, transferindo o que está na mente em algo presente no mundo físico. É o processo pelo qual os entes imaginários da representação adquirem materialidade, assumindo uma realidade tangível (MOSCOVICI, 2010).

Devido ao fato das RS constituírem-se em uma teoria que possibilita a significação do mundo no qual as pessoas vivem, e orienta os seus comportamentos, ela torna-se método eficaz para acessar o imaginário sócio-cognitivo de um determinado grupo acerca de fenômenos de cunho social, como é o caso da violência contra a mulher.

A pesquisa buscou conhecer as RS da violência contra a mulher nas relações afetivas elaboradas por um público específico: os/as adolescentes. Sabe-se que a adolescência é uma fase importante da vida, em que os/as jovens fazem descobertas sobre seu corpo, seus sentimentos, constroem laços de amizade, e estabelecem vínculos amorosos. Porém, estudos também mostram que na adolescência os/as jovens começam a experimentar agressões e maus-tratos com seus parceiros/as afetivos (FOSHEE; REYES, 2011; MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011), situação que pode constituir-se em preditor para a violência na vida adulta (GONZÁLEZ-ORTEGA; ECHEBURUÁ; CORRAL, 2008; MINAYO et al, 2011).

Portanto, considerando o exposto, torna-se importante conhecer o que os/as adolescentes pensam e os significados que atribuem ao fenômeno da violência contra a mulher, pois as representações sociais podem guiar e prever comportamentos (MOSCOVICI, 1978). A depender de onde moças e rapazes ancorem suas representações, eles/elas podem assumir um posicionamento contrário a essa prática, significando a violência como fenômeno injustificável, que deve ser banido das relações afetivas, como também podem legitimá-la, a partir de ideias fundamentadas nos papéis ideológicos de gênero, e até mesmo reproduzir situações de violência em

seus próprios relacionamentos. Assim, este artigo baseia-se em pesquisa que teve por objetivo identificar as RS elaboradas por adolescentes sobre a violência contra a mulher nas relações afetivas. Para tanto, se buscou saber o que os/as adolescentes pensam sobre a violência contra a mulher, como representam esse fenômeno, e os motivos que atribuem para a sua ocorrência.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética (Número do Parecer: 1.711.930), foi realizada em uma escola pública da cidade de Itabaiana, interior de Sergipe. O estudo contou com 22 adolescentes do Ensino Médio (11 rapazes e 11 moças), que encontravam-se na faixa etária de 18 a 20 anos.

A coleta de dados deu-se por meio de prévia autorização da equipe diretiva da escola, que consentiu a realização do estudo. A pesquisadora foi a cinco turmas do Ensino Médio e solicitou a participação de adolescentes que tivessem idade igual ou superior a 18 anos. Ao todo 22 adolescentes demonstraram interesse em participar da pesquisa, sendo-lhes entregue Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. As entrevistas aconteceram individualmente em uma sala reservada na própria escola. Foi garantido o sigilo da identidade dos participantes, sendo fictícios todos os nomes do estudo.

O instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista semi-estruturada, cujas questões contemplavam os seguintes aspectos: associação livre a partir da expressão “violência contra a mulher”; significados atribuídos ao fenômeno da violência no casamento; causas e explicações para a violência contra o/a parceiro/a.

Quanto à análise de dados, as entrevistas foram submetidas à técnica de análise de conteúdo temática. De acordo com Bardin (2011), a análise de conteúdo compreende um conjunto de técnicas de análise das comunicações, a partir de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, que possibilita a produção de indicadores, e a partir destes, a inferência de conhecimentos referentes às condições de produção e recepção das mensagens. No caso desta pesquisa, a técnica possibilitou o estudo dos discursos de adolescentes acerca da temática da violência contra a mulher nas relações afetivas, a fim de identificar as representações sociais elaboradas pelos/as mesmos/as.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER ENTRE SIGNIFICADOS E REPRESENTAÇÕES

A análise de conteúdo das 22 entrevistas permitiu a elaboração de 03 categorias temáticas e 11 subcategorias, detalhadas a seguir.

RS da violência contra a mulher

Esta categoria traz os principais conteúdos elaborados pelos/as adolescentes a respeito do fenômeno da violência contra a mulher e envolve três subcategorias: *Figura do agressor, Espaço favorecedor da violência, e Tipologia da Violência.*

A subcategoria *Figura do agressor* traz as representações do personagem que pratica a violência contra a mulher, objetivado como pessoa do sexo masculino, e que mantém vínculo afetivo com a vítima. Seguem alguns relatos: “Assim, na maioria das vezes ocorre por companheiro, quando algum homem bate na mulher, na esposa ou namorada” (Celi, 18 anos / 2ª série); “Uma pessoa não amar nem a si mesma, porque você ter violência com uma mulher, sinceramente, a pessoa não ama nem a si mesma, quem dirá ao outro” (Luna, 18 / 3ª série); “Pra mim isso é pessoas que têm mente fraca, homens na maioria das vezes” (Juca, 19/ 1ª série).

Também no estudo de Ribeiro e Coutinho (2011) sobre as representações sociais da violência em mulheres vítimas, o agressor foi descrito como alguém que é próximo a mulher, seu cônjuge ou ex-cônjuge, e que apresenta problemas psíquicos ou tem má índole. Essas RS que objetivam o agressor na figura masculina também condizem com os dados sobre violência contra a mulher no país. De acordo com o “Mapa da Violência 2015 Homicídio de mulheres no Brasil” (WAISELFISZ, 2015), para as mulheres na faixa etária dos 18 aos 59 anos, o principal agressor é o parceiro ou ex-parceiro, concentrando metade de todos os casos registrados. Assim, as RS elaboradas pelos/as adolescentes sobre o agressor aparecem ancoradas na própria realidade social, revelando ser o homem com quem a mulher mantém um relacionamento afetivo-sexual o seu principal algoz.

A subcategoria *Espaço favorecedor de violência* aponta ser o ambiente doméstico, o principal local onde a violência contra a mulher acontece, como mostram os relatos: “Mulheres apanhando em casa” (Velson, 18 / 3ª série); “Violência doméstica quando eles agredem elas em casa” (Tati, 18 / 1ª série); “É ser agredida em casa” (Liza, 18 / 1ª série).

A representação da violência contra a mulher objetivada na violência que ocorre no espaço doméstico reflete uma dura realidade do cenário brasileiro. Registros do Sistema Único de Saúde – SUS de atendimentos de casos de violência no ano de 2014, revelam que 64% das adolescentes, 67,9% das mulheres jovens e 75,3% das mulheres adultas foram vítimas de violência dentro de suas residências (WAISELFISZ, 2015). Esses dados atestam a ancoragem das representações sociais dos/as adolescentes na realidade cotidiana com a qual se deparam, seja por meio dos veículos de comunicação, seja pela própria vivência familiar e/ou comunitária. A violência doméstica constitui-se, assim, em um fenômeno do cotidiano, chegando mesmo a ser banalizada, devido a sua frequência.

A subcategoria *Tipologia da Violência* traz as principais manifestações da violência contra a mulher, objetivadas em atos de agressão física, sexual e verbal, como mostram as falas: “Violência verbal e física que acaba afetando o psicológico da mulher levando a graves consequências” (Theo, 18 / 3ª série); “Pensaria em estupro” (Malu, 18 / 3ª série); “Diferentes formas de violência, mental, verbal” (Elvis, 18 / 2ª série); “Alguns homens estupram as mulheres também é uma violência” (Tati, 18 / 1ª série); “Bater nela, até abusá-la sexualmente” (Túlio, 18 / 1ª série); “Denegrir a imagem da mulher, xingar, bater, menosprezar, tratar como objeto” (Max, 18 / 3ª série); “Violência contra a mulher é violência verbal, xingamentos, agressão, tentar ter relação sem a pessoa ter vontade” (Nanda, 20 / 3ª série);

Os relatos mostram o quadro de agressões que milhares de brasileiras sofrem todos os dias. A literatura revela um comprometimento da saúde física e psicológica das vítimas, além das perdas no convívio social (FONSECA et al, 2012). A violência deixa marcas e cicatrizes em diversas partes do corpo, e leva a problemas como distúrbios gastrointestinais, síndrome da dor crônica, lesões, fraturas (CASIQUE; FUREGATO, 2006), além de aumentar a probabilidade de doenças como depressão e ansiedade (BRITTAR; KOHLSDORF, 2013).

Assim, o quadro de violência contra a mulher aparece como preocupante e revela a importância de medidas no combate e prevenção a esse problema, que tem causado o adoecimento de mulheres todos os anos no país. As RS elaboradas pelos/as adolescentes revelam que eles/elas também estão atentos a essa realidade e são capazes de discernir sobre os diferentes modos de manifestação da violência, e inclusive reconhecem as agressões verbais como um tipo de violência.

Violência entre marido e esposa

Esta categoria traz as representações elaboradas pelos/as adolescentes sobre a violência no casal, e abrange três subcategorias: *Violências física e verbal do marido contra a mulher*, *Violência nos pais*, e *Violência na vizinhança*.

A subcategoria *Violências física e verbal do marido contra a mulher* traz representações da violência dirigida à mulher pelo próprio cônjuge. Essas representações estão objetivadas em atos físicos e verbais praticados pelo marido, como atestam os relatos: “Era violência física contra a mulher” (Theo, 18 / 3ª série); “Toda vez que eu ouço falar desse tipo de violência, eu até hoje nunca ouvi falar da violência da mulher contra o marido, é mais do marido contra a mulher, agressão física, verbal” (Velson, 18 / 3ª série); “O marido batia na esposa e nesse caso que eu acompanhei acabou até em morte” (Túlio, 18 / 1ª série).

Nessas falas a violência aparece como prática unidirecional, que é sempre no sentido marido – esposa. Isto revela a força do sistema patriarcal que leva à dominação masculina nos relacionamentos, sendo a violência um dos principais meios para a submissão da parceira (CANTERA, 2005; VILÁ; TORDERA, 2011). Outro ponto a destacar refere-se ao caráter extremo a que pode chegar a violência entre os cônjuges. De acordo com as representações, a agressão contra a mulher vai desde xingamentos até o homicídio, ato de maior gravidade. Em consonância com as mesmas, dados mostram que no ano de 2013 houve 1.583 homicídios de mulheres por parceiros ou ex-parceiros no país, o que representa 33,2% do total de homicídios femininos naquele ano. Este valor equivale a cerca de quatro mortes diárias de mulheres cometidas por pessoas com as quais mantinham ou mantiveram relações íntimas (WAISELFISZ, 2015). Assim, observa-se que as representações dos/as adolescentes encontram-se ancoradas na própria realidade cotidiana com a qual se deparam, seja através dos meios de comunicação ou pela convivência em suas famílias ou nos locais onde vivem, como revelam as próximas subcategorias.

A subcategoria *Violência nos pais* traz representações da violência no casal objetivadas nas próprias famílias dos/as adolescentes, como atestam os relatos: “Eu já presenciei na minha casa, meu padrasto já agrediu minha mãe fisicamente” (Tina, 18 / 3ª série); “A violência tanto verbalmente quanto fisicamente, aconteceu lá em casa” (Max, 18 / 3ª série); “Eu já presenciei, meus pais, não agressão física, mas agressão verbal, xingamentos, mas consequentemente por causa do meu pai” (Elvis, 18 / 2ª série);

Eu já presenciei casos de violência na minha própria família, o meu pai e minha mãe, e é uma coisa que é muito ruim, não só pra minha mãe, no caso que foi quem sofreu a violência, mas também pra os filhos que estavam presenciando, porque é um ato que causa um trauma, fica na cabeça e não apaga mais nunca (Luna, 18 / 3ª série)

Também aqui a violência é representada como prática unidirecional, ou seja, as agressões são deferidas pelos pais/padrastos contra as mães, e trazem consequências para os filhos. Como já havia sido apontado, a violência conjugal afeta a saúde física e emocional de crianças e adolescentes. Registram-se a curto prazo problemas tais como isolamento, baixa auto-estima, aumento da ansiedade, perda de apetite, insônia, dificuldade de concentração (SANI, 2011; SOUZA, 2013).

Quanto às implicações a longo prazo, a exposição à violência interparental constitui-se em fator de risco para a prática de violência em relacionamentos futuros. As crianças e adolescentes expostos a episódios de violência entre seus pais apresentam maior risco de, quando forem adultos, se envolverem em situações de violência também com cônjuges ou namorados (SANI, 2011). Acredita-se que o modo violento de resolver conflitos dos pais é aprendido pelos filhos, que podem utilizá-lo em situações futuras com os próprios parceiros amorosos (SOUZA, 2013).

Além da violência em suas famílias, as representações dos/as adolescentes trazem a *Violência na vizinhança*, como mostram os relatos: “Eu tenho uma vizinha que ela apanha direto, tem dias dela sair de casa com o olho roxo, ele [marido] não tem dó nem piedade dela” (Leda, 18 / 3ª série); “O fato que eu presenciei foi que o marido tinha discutido com a esposa, [...] e é um fato interessante, porque ela jurou que ia botar água quente no ouvido dele com ele dormindo” (Denis, 18 / 2ª série);

Já teve um caso de uma vizinha minha, aí ela gritava pedindo socorro, mas ninguém tinha coragem de ajudar, e depois quando ela saiu na rua, as marcas que ela tava ela dizia que foi de queda, e assim, todo mundo sabia que não era (Mila, 19 / 2ª série)

Essas falas revelam a violência conjugal na vizinhança como um fenômeno cotidiano, marcado por agressões físicas. Aqui também já emerge uma situação de violência cometida pela mulher, que no caso relatado constitui-se em ameaça de morte. Porém, observa-se a diferença de gravidade das agressões deferidas pelos dois sexos. Enquanto a violência masculina é objetivada em agressões que deixam hematomas, a violência feminina é representada pela ameaça ao parceiro. Essa desvantagem possivelmente relaciona-se com o processo de socialização, que oferece diferentes maneiras de comportamento para homens e mulheres. Assim,

desde pequenos os homens aprendem que devem ser fortes, corajosos, viris, sendo a prática da violência uma demonstração de sua masculinidade (MEDRADO; PEDROSA, 2006), enquanto as mulheres, historicamente alijadas do uso do poder e violência física, recorrem com mais frequência a formas de violência verbal e ameaças, que não deixam marcas visíveis, mas que também podem ser danosas.

Motivos de violência nos relacionamentos íntimos de afeto

Esta categoria alude às principais representações quanto às causas da violência em relações afetivas, e abrange cinco subcategorias: *Poder do homem, Ciúmes, Infidelidade, Uso de substâncias psicoativas, e Situações banais*.

A subcategoria *Poder do homem* aponta RS objetivadas na figura do homem dominador, que usa de sua posição de destaque no relacionamento para agredir a parceira, como se pode ver a seguir: “Porque homem quer ser superior a mulher, porque ele acha que como casou ela é propriedade dele, tipo como comprou alguma coisa” (Nanda, 20 / 3ª série); “Porque o marido se acha como um dono, que a mulher é propriedade, como se ela fosse um objeto dele” (Caio, 18 / 3ª série);

É quando o homem quer controlar a mulher, é quando ele quer privar a mulher de muitas coisas, aí acaba acontecendo violência [...] por querer mandar, querer dominar, querer fazer da mulher seu objeto, querer fazer da mulher sua escrava (Max, 18 / 3ª série)

Esses relatos que apontam o exercício do poder pelo cônjuge como motivo para a violência, também revelam RS com ancoragem no patriarcado e submissão feminina. É devido ao enraizamento dos valores patriarcais e das desigualdades de gênero no pensamento social, que o homem exerce domínio nos espaços público e privado, e é especialmente nessa dimensão que ele se percebe como dono da sua parceira, submetendo-a aos seus desejos e necessidades (NARVAZ; KOLLER, 2006a; VILÁ; TORDERA, 2011). Assim, as RS dos/as adolescentes refletem a realidade patriarcal existente até hoje, que impregna os modos de pensar, ser e se comportar de ambos os sexos, sendo que muitas mulheres nem se percebem como dominadas, tamanho o enraizamento e naturalização dos papéis estereotipados de gênero atribuídos a homens e mulheres nesse sistema (NARVAZ; KOLLER, 2006b).

A subcategoria *Ciúmes* revela outro motivo para a violência nas relações afetivas. De acordo com os relatos, o ciúme aparece objetivado como sentimento intenso, que atinge principalmente os homens, levando-os a uma postura de dominação. “Os ciúmes por parte do marido, ciúmes bestas, exagerados” (Noélia, 18 / 3ª série); “Com ciúmes dela, com ciúmes de outros homens que ela conhecia como

amigos” (Túlio, 18 / 1ª série); “Ciúmes, a mulher não pode ter amizade com outros homens que o homem já tem ciúme” (Caio, 18 / 3ª série); “Eu já ouvi, por causa de ciúmes, algumas agressões, terminos, até agressões físicas” (Elvis, 18/ 2ª série).

Estudo de abrangência nacional que ouviu 2.365 mulheres e 1.181 homens acima de 15 anos, também aponta a discussão sobre fidelidade, na qual se destaca a questão do ciúme, como um dos principais motivos para a violência do homem contra a mulher. Independente de idade ou nível de escolaridade das vítimas, o ciúme figurou como a razão mais importante para a ocorrência de agressões nos relacionamentos (VENTURI; GODINHO, 2013). Resultado similar também foi encontrado na pesquisa do DataSenado (BRASIL, 2015) realizada com 1.102 brasileiras em todo o território nacional. Nesse estudo 21% da amostra apontaram o ciúme como o principal desencadeante de violência pelo parceiro.

A *Infidelidade* também aparece como outro motivo apontado pelos/as jovens para a violência nos relacionamentos, como pode ser visto a seguir: “Ela tava com outro em casa, aí ele agrediu por causa de traição” (Luan, 18 / 1ª série); “Caso de traição, ele ficou sabendo e matou ela” (Túlio, 18 / 1ª série); “Principalmente no caso de traição, que o homem pra ele é assim, ele pode trair, mas não pode ser traído e qualquer traíçãozinha já vi sim muita agressão” (Caio, 18 / 3ª série).

Essas falas mostram situações de violência sempre dirigidas à mulher, e que são motivadas pela infidelidade. Assim, o homem agride a parceira quando descobre ou mesmo quando suspeita que esteja sendo traído por ela, como uma forma de puni-la e descarregar sua raiva, pois em suas representações o sexo masculino deve ser dominador no relacionamento. Nesse contexto, a traição é percebida como um sinal que fere a sua virilidade (SILVA; COELHO; NJAINE, 2014). A reação violenta à infidelidade feminina também pode ser explicada por meio de resquícios de normas e tradições não mais valorizados socialmente, mas que ainda povoam o imaginário popular. Esse é o caso da tese da legítima defesa da honra, que permitia à absolvição de homens que cometessem crimes passionais motivados pela traição (MACHADO, 2002). A violência como reação à infidelidade também aponta ancoragens nas primeiras representações das mulheres da história, vistas como seres promíscuos, cuja domesticação por meio da violência, aparecia como necessária a fim de domar seus instintos sexuais (SWAIN, 2001).

A subcategoria *Uso de substâncias psicoativas* aponta o consumo de álcool e outras drogas pelos parceiros amorosos como motivo para a violência. “Às vezes

porque o marido tem algum problema, bebe muito” (Tobias, 18 / 3ª série); “Ah muitos casos ocorre quando o marido chega bêbado, drogado” (Liza, 18 / 1ª série); “Meu pai que às vezes chegava bêbado em casa, e quando minha mãe ia conversar com ele, ele sempre partia pra agressão verbal” (Elvis, 18 / 2ª série).

Também em estudos de amostra populacional o uso do álcool aparece como fator relevante para a violência contra a mulher. Na pesquisa “Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado”, por exemplo, o fato do parceiro estar alcoolizado ou beber muito aparece em segundo lugar como motivo para a violência (VENTURI; GODINHO, 2013). Dado similar apareceu no estudo do DataSenado (BRASIL, 2015) em que 19% das mulheres apontaram o fato de seus parceiros consumirem álcool como a segunda principal razão para a violência, sendo superada apenas pelo ciúme.

Porém, apesar dos dados apontados na literatura e dos relatos dos/as adolescentes, não é possível considerar o consumo de bebidas alcoólicas como razão determinante para a violência contra a mulher. De acordo com Soares (2005) as substâncias psicoativas, longe de serem causas para o fenômeno da violência, são apenas questões adicionais, que podem ou não acompanhá-lo. Daí a importância de uma reflexão sobre as RS elaboradas pelos/as adolescentes.

A crença de que o álcool ou outras substâncias são responsáveis pela violência pode contribuir para a construção de RS que absolvem o agressor de seus atos, pois tende a prevalecer a ideia de que é o álcool que provoca a sua fúria e descontrole. Assim, sem essa substância, ele seria incapaz de qualquer ato de agressividade. Esse modo de pensar também mascara as verdadeiras causas da violência que podem ser encontradas nas desigualdades de gênero, que permeiam o espaço social, e contribuem para a construção de relações assimétricas entre os sexos (GUEDES; SILVA; FONSECA, 2009).

A subcategoria *Situações banais* traz representações dos motivos para a violência objetivadas em situações corriqueiras como, por exemplo, discutir com o cônjuge ou deixar de fazer tarefas domésticas. “Acontece meio por uma briga boba, quando acaba discutindo” (Malu, 18 / 3ª série); “Os que eu vejo é sempre por besteira, porque esqueceu de arrumar uma cama, porque tava na calçada conversando com algum vizinho, e o marido já vem agredindo, batendo” (Caio, 18 / 3ª série); “Um caso que já aconteceu onde eu morava, que a mulher não tinha feito o almoço do marido, aí ele espancou ela por causa disso” (Celi, 18 / 2ª série)

Aqui se observa a intolerância dos homens diante de situações como a discordância de sua opinião, ou o descumprimento de papéis de gênero atribuídos às mulheres, levando-os a agressões físicas. Esses casos estão claramente relacionados ao sistema hegemônico de gênero, fruto da mentalidade patriarcal, que atribui ao homem à dominação nas relações afetivas, principalmente na conjugalidade (VILÁ; TORDERA, 2011) não aceitando qualquer ato feminino que contradiga ou frustrasse seus desejos e interesses.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo possibilitou acesso às principais representações elaboradas pelos/as adolescentes sobre a violência contra a mulher nas relações afetivas. Considerando que as RS se constituem em modos de pensar provenientes do imaginário coletivo, que significam o mundo no qual as pessoas vivem e orientam os seus comportamentos (MOSCOVICI, 2010), elas tornam-se importantes guias para a ação. Assim, as representações dos/as adolescentes sobre a violência contra a mulher provavelmente se relacionam com a maneira como compreendem essa prática, e as atitudes que mantêm diante da mesma.

De modo geral, os resultados mostraram que os/as adolescentes representam a violência contra a mulher objetivada em um fenômeno cotidiano, que acontece inclusive em suas famílias, sendo eles/elas testemunhas de agressões de seus pais/padrastos contra suas mães. Eles/elas também elaboram RS ancoradas no patriarcado, modo de organização social e familiar, em que o homem aparece como ser hegemônico. Nesse contexto, ele usa a violência como um recurso para dominar e submeter a parceira.

Em suma, os resultados da pesquisa apontam a necessidade de trabalhos preventivos, tendo como foco principal a prevenção da violência contra a mulher. A conscientização dos/as adolescentes torna-se caminho fundamental para a elaboração de RS alicerçadas em um pensamento crítico que os estimule na busca e manutenção de relações saudáveis. Porém, esses trabalhos também devem envolver as escolas, famílias e a comunidade, a fim de que se obtenham modificações em todo o tecido social.

Em relação às limitações, a pesquisa, por tratar-se de estudo qualitativo conduzido com poucos participantes, traz resultados não generalizáveis para uma população maior. Para resultados mais conclusivos, seriam necessários estudos

quantitativos e multimétodos, que abordassem o fenômeno da violência contra a mulher a partir de uma perspectiva ampliada, e que fossem realizados em escolas públicas, particulares, e nas comunidades.

VIOLENCE AGAINST WOMEN: ADOLESCENTS' SOCIAL REPRESENTATIONS

Abstract:

Violence against women in affectionate intimate relationships is a serious problem that causes damages to its victims. In the social imaginary there are ways of thinking and representations that tend to trivialize this type of violence, considering it a natural practice. In this sense, this article brings a study that aimed to know the social representations elaborated by adolescents on violence against women in affectionate relationships. Data were collected through a semi-structured interview conducted with 22 adolescents, and analyzed through the content analysis technique (BARDIN, 2011). The results revealed that the adolescents represent violence against women objectified in an everyday phenomenon, which happens even in their families. They have also elaborated social representations anchored in patriarchy, in which men use violence as means to dominate partners. It was observed the need for preventive work that would make adolescents aware of patriarchal ideologies present in the society, helping them to construct social representations based on respect and gender equity.

Keywords: Violence Against Women. Affectionate Relationships. Social Representations. Patriarchy. Adolescents.

VIOLENCIA CONTRA LA MUJER: REPRESENTACIONES SOCIALES DE LOS ADOLESCENTES

Resumen:

La violencia contra la mujer en las relaciones afectivas íntimas es un problema grave, que acarrea daños a sus víctimas. En el imaginario social existen modos de pensar y representaciones que tienden a trivializar ese tipo de violencia, considerando una práctica natural. En ese sentido, este artículo trae un estudio que objetivó conocer las representaciones sociales elaboradas por adolescentes sobre la violencia contra la mujer en las relaciones afectivas. Los datos fueron recolectados por medio de una entrevista semiestructurada, realizada con 22 adolescentes, y analizados a través de la técnica de análisis de contenido (BARDIN, 2011). Los resultados revelaron que los/las adolescentes representan la violencia contra la mujer objetivada en un fenómeno cotidiano, que ocurre incluso en sus familias. Ellos/ellas también elaboraron representaciones sociales ancladas en el patriarcado, en que el hombre usa la violencia como medio para dominar a la pareja. Se observó la necesidad de trabajos preventivos que concientizen a los/las adolescentes acerca de las ideologías patriarcales presentes en la sociedad, ayudando a construir representaciones sociales fundamentadas en el respeto y la equidad de género.

Palabras clave: Violencia Contra la Mujer. Relaciones Afectivas. Representaciones Sociales. Patriarcado. Adolescentes.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edição revisada e atualizada. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. Senado Federal. Secretaria da Transparência. DataSenado. **Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher**. 2015. Disponível em: < <http://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2015/08/10/violencia-domestica-e-familiar-contra-a-mulher> >. Acesso em: 15 out. 2016.

BREIDING, Matthew J. et al. **Intimate Partner Violence Surveillance: Uniform Definitions and Recommended Data Elements, Version 2.0**. Atlanta (GA), EUA: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention, 2015.

BRITTAR, Danielle; KOHLSDORF, Marina. Ansiedade e depressão em mulheres vítimas de violência doméstica. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v.31, n.74, p. 447-456, jul./set., 2013.

CANTERA, Leonor M. Violencia en la pareja: fenómeno, procesos y teorías. In: SÁNCHEZ, Teresa (Coord.). **Maltrato de género, infantil y de ancianos**. Salamanca, España: Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca, 2005. p. 55-94.

CANTERA, Leonor M.; PALLARÈS, Susana; SELVA, Clara. Violencia. In: CANTERA, Leonor M.; PALLARÈS, Susana; SELVA, Clara (Comps.). **Del malestar al bienestar laboral**. Barcelona: Amentia, 2013. p. 77-103.

CASIMIRO, Cláudia. Violências na conjugalidade: a questão da simetria do gênero. **Análise social**, v.43, n. 3, p. 579-601, 2008.

CASIQUE, Letícia C.; FUREGATO, Antonia R. F. Violência contra mulheres: reflexões teóricas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.14, n.6, p. 950-956, nov./dez. 2006.

CEZÁRIO, Ana Claudia Ferreira et al. Violência entre parceiros íntimos: uma comparação dos índices em relacionamentos hetero e homossexuais. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 565-575, 2015.

FONSECA, Denire H.; RIBEIRO, Cristiane G.; LEAL, Noêmia S. B. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. **Revista Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 24, n.2, p. 307-314, 2012.

FOSHEE, Vangie; REYES, Heathe. Dating abuse: Prevalence, consequences and predictors. In: LEVESQUE, Roger (Ed.). **Encyclopedia of Adolescence**. New York: Springer Science, 2011. p. 602-615.

GONZÁLEZ-ORTEGA, Itxaso; ECHEBURÚA, Enrique; CORRAL, Paz de. Variables significativas en las relaciones violentas en parejas jóvenes: una revisión. **Psicología conductual**, v. 16, n. 2, p. 207-225, 2008.

GUEDES, Rebeca N.; SILVA, Ana Tereza M. C.; FONSECA, Rosa M. G. S. A violência de gênero e o processo saúde-doença das mulheres. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.13, n.3, p. 625-631, jul./set. 2009.

MACHADO, Lia Z. **Atender vítimas, criminalizar violências. Dilemas das delegacias da mulher**. Brasília: UnB, Departamento de Antropologia, 2002.

MARTINS, Priscilla O.; TRINDADE, Zeide A.; ALMEIDA, Ângela M. O. O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.16, n.3, p.555-568, 2003.

MEDRADO, Benedito; Pedrosa, Cláudio. **Pelo fim da violência contra as mulheres: um compromisso também dos homens**. Brasília, DF: Agende, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NARVAZ, Marta G.; KOLLER, Sílvia H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v.18, n.1, p.49-55, jan./abr. 2006a.

NARVAZ, Marta G.; KOLLER, Sílvia H. Mulheres vítimas de violência doméstica: compreendendo subjetividades assujeitadas. **Psico**, Porto Alegre, v. 37, n.1, p.7-13, jan./abr. 2006b.

OLIVEIRA, Kátia Neves Lenz César de. **Quem tiver a garganta maior vai engolir o outro**: sobre violências conjugais contemporâneas. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.

PATIAS, Naiana D.; BOSSI, Tatiele J.; DELL'AGLIO, Débora D. Repercussões da exposição à violência conjugal nas características emocionais dos filhos: revisão sistemática da literatura. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 4, p. 901-915, 2014.

RIBEIRO, Cristiane G.; COUTINHO, Maria da Penha L. Representações sociais de mulheres vítimas de violência doméstica na cidade de João Pessoa-PB. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 3, n.1, p. 52-59, jan./jun. 2011.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANI, Ana Isabel. Sinalização do ambiente natural infantil (S.A.N.I.). In: SIMÕES, Mário Rodrigues et al (Coords.). **Avaliação Psicológica**: Instrumentos validados para a população portuguesa. Coimbra: Quarteto Editora, 2007. p. 123-135.

SANI, Ana Isabel. **Temas de vitimologia**: realidades emergentes na vitimação e respostas sociais. Coimbra: Almedina, 2011.

SILVA, Anne C. L. G.; COELHO, Elza B. S.; NJAINE, Kathie. Violência conjugal: as controvérsias no relato dos parceiros íntimos em inquéritos policiais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.19, n.4, p.1255-1262, 2014.

SOARES, Bárbara M. **Enfrentando a violência contra a mulher**: orientações práticas para profissionais e voluntários(as). Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

SOUZA, Ana Angélica P. **Violência nas relações íntimas**: uma análise psicossociológica. 2010. 177 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

SOUZA, Tânia S. **Os filhos do silêncio**: crianças e jovens expostos à violência conjugal – um estudo de casos. 2013. 139 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal, 2013.

SWAIN, Tânia N. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas femininas. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 34, n.1, p.11-44, 2001.

VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau. **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado**: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo; Edições SESC SP, 2013.

VILÁ, Margarita P.; TORDERA, Montse P. **Prevención de la violencia de género en la adolescencia**. Barcelona, Espanha: Icaria, 2011.

WAISELFISZ, Julio J. **Mapa da violência 2015**: Homicídio de mulheres no Brasil. 2015. Disponível em: <
<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf> Acesso em: 12 jun. 2016.

WHITAKER, Daniel J. et al. Differences in frequency of violence and reported injury between relationships with reciprocal and nonreciprocal intimate partner violence. **American Journal of Public Health**, v. 97, n. 5, p. 941-947, 2007.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global and regional estimates of violence against women**: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence. Geneva: WHO, 2013.

Artigo:

Recebido em 27 de Fevereiro de 2017.

Aceito em 05 de Outubro de 2017.